

sas, americanas e japonesas no Amazonas, Pará, São Paulo e assim por diante. Isso sem falar nos empréstimos externos, cujo total eleva-se a 300 milhões de libras ou seja, ao cambio atual, 15 milhões de contos pelos quais hipotecamos aos magnates estrangeiros as rendas de nossas alfândegas, nossos portos, estradas, inclusive impostos que incidem diretamente sobre a massa, agravando mais ainda suas condições de vida, empréstimos que já pagamos varias vezes e dos quais entretanto, continuamos ainda como devedores.

Diante da crua realidade de nossa submissão econômica e política ao imperialismo, o patriotismo místico de “Deus, Pátria e Família” não passa de uma tapeação. Surge então, a pergunta “Podem as nossas classes dominantes tirar-nos desta situação?” A própria Historia do Brasil tanto a remota como a recente é rica em ensinamentos a esse respeito.

As Capitánias e doações régias foram instituídas pela Coroa portuguesa, a fim de assegurar o predomínio econômico e político de Portugal no Brasil. Os latifundistas, os “coronéis”, os donos de terra, em cujas mãos se encontram mais de oitenta por cento da terra cultivada do Brasil, são os continuadores históricos dos esteios da dominação estrangeira no país. Os donos das “casas grandes”, os barões feudais, os dominadores de chicote, são os que historicamente se opuseram a todo progresso, a todo desenvolvimento das forças produtivas e das energias nacionais das grandes massas que povoaram o Brasil. Aliaram-se ao monopólio regional do comércio, facilitaram a penetração do capital financeiro britânico, afogaram em sangue os heroicos movimentos de libertação nacional dos Palmares, dos legítimos habitantes do Brasil – os índios – opuseram-se até o último instante, aos movimentos abolicionista e republicano, mantiveram até o obscurantismo clericalista na grande maioria da população laboriosa do campo, criadores da riqueza nacional. O latifúndio não pode lutar contra o imperialismo: é o seu aliado pelo determinismo de sua própria origem histórica. O capitalismo urbano nasceu, no Brasil, no seio do próprio latifúndio e da própria dominação estrangeira. Não existe aqui uma burguesia progressiva como na França no tempo da grande revolução. A origem cosmopolita da indústria brasileira e sua vinculação estrita aos interesses latifundistas a impediram sempre de desempenhar um papel independente e anti-imperialista e a impeliram a trair historicamente os interesses das grandes massas populares das cidades e dos campos na luta contra o latifúndio e a dominação estrangeira.

O passado histórico do Brasil é cheio de lutas revolucionárias pelas liberdades democráticas. Aqueles que, aproveitando-se do prestígio dos elementos sacrificados na luta pela democracia usurparam o Poder, nunca reali-